

LIVRO DO **PROFESSOR**  
MATERIAL DIGITAL DO **PROFESSOR**

# ***Maia e Valentim***

de Paula Taitelbaum

Elaboração do material: **KÁTIA CHIARADIA**



**NEWTEC**

# Maia e Valentim

de Paula Taitelbaum

Elaboração do material: **KÁTIA CHIARADIA**

**Categoria:** Creche II

**Tema:** Aventuras em contextos imaginários ou realistas, urbanos, rurais, locais, internacionais

**Gênero:** Narrativo

**Uso:** Para que o(a) professor(a) leia para crianças bem pequenas

**Formato:** 275 x 205mm

**Número de páginas:** 28

**Edição:** 1ª

**Ano:** 2021

Kátia Chiaradia é graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.



Crédito: acervo particular

# Sumário

Carta aos professores .....	4
A obra .....	5
A autora .....	6
Cuidar ensinando & ensinar cuidando: a Educação Infantil .....	7
A BNCC e os campos de experiências .....	8
A PNA na Educação Infantil: conversar é preparar .....	10
Brincar lendo e ler brincando: a literatura na Educação Infantil .....	14
<i>Maia e Valentim</i> e os campos de experiências .....	16
"O eu, o outro e o nós" .....	19
"Corpo, gestos e movimentos" .....	24
"Traços, sons, cores e formas" .....	28
"Escuta, fala, pensamento e imaginação" .....	32
"Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações" .....	36
Literacia familiar .....	39
Organizando e compartilhando .....	40
Nossas referências .....	41

# Carta aos professores

Cara professora, caro professor,

Com este material, convidamos você para uma experiência significativa com a leitura literária na Educação Infantil. Acreditamos na força da literatura como motriz de mudança do mundo e em você, no papel de mediador(a) de leitura, como uma sólida ponte que liga as crianças a seu melhor potencial.

As sugestões de trabalho que apresentamos para este livro não se restringem (embora contemplem) à leitura, exclusivamente. Consideramos o texto literário como um privilegiado ponto de partida para variadas vivências que cada leitor, ou seja, cada criança, ressignificará em experiências. E é por isso também que acreditamos que este material é apenas o início de uma longa caminhada, necessariamente múltipla e diversificada.

Desejamos que cada professor e cada professora, junto a suas turmas, amplie as atividades propostas e enriqueça ainda mais seu trabalho, tão importante na garantia dos mais fundamentais direitos das crianças.

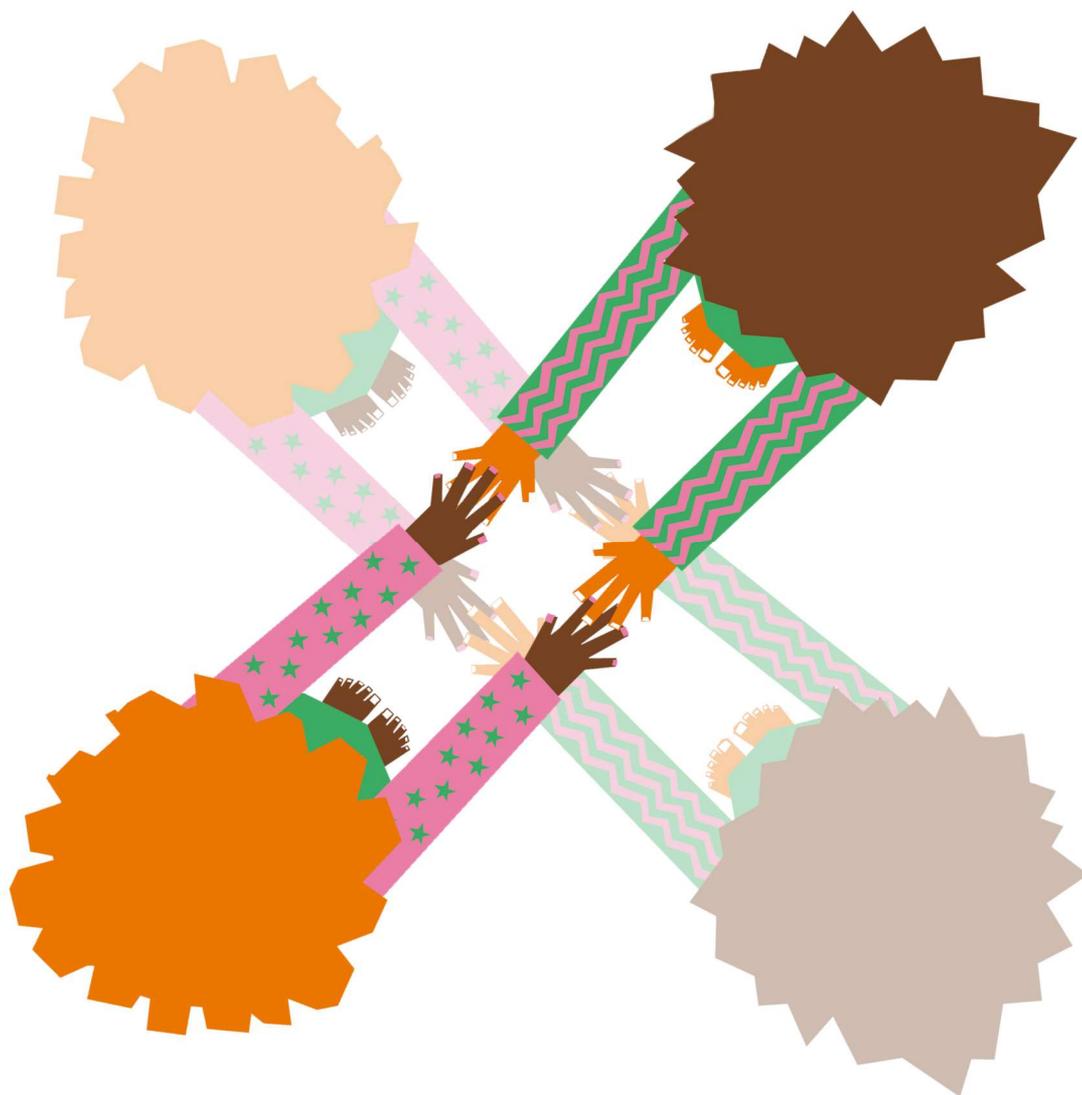
Um abraço,  
Kátia Chiaradia



## A obra

*Maia e Valentim* é um livro muito colorido e musical, que conta três histórias: a de Maia, a de Valentim e a história dessas duas crianças muito amigas e cheias de imaginação, que não se desgrudam.

Eles se conhecem da escola e gostam de fazer tudo juntos (havia até quem pensasse que tinham passado cola neles), mas quando faziam coisas juntos, eles também faziam coisas sozinhos, em suas imaginações: por exemplo, enquanto a imaginação de Maia a levava à praia, a de Valentim o levava ao jardim. *Maia e Valentim* é uma história sobre construção da identidade, aceitação das diferenças e muita imaginação.



## A autora

Paula Taitelbaum vive em Porto Alegre desde seu nascimento em 1969. É apaixonada pela palavra. A escrita, a falada, a imaginada. Nos anos 1980, iniciou seu trabalho como atriz no Grupo Pé de Palco, dirigido por Júlio Conte. Nos anos 1990, formou-se em publicidade, trabalhou como redatora publicitária e lançou os livros de poemas *Eu versos eu* (Fumproarte, 1998) e *Sem vergonha* (L&PM, 1999). A partir dos 2000, firmou-se como escritora e lançou novos livros de poemas, entre eles *Mundo da Lua* (L&PM, 2002).



Crédito: Fernando Bueno

Em 2013, adentrou o mundo da literatura infantojuvenil com *Palavra vai, palavra vem* (L&PM, 2013), no qual, além de escrever, estreou como ilustradora. A partir de então, passou a se dedicar à literatura infantil. Entre os livros lançados, destacam-se o premiado *Bichológico* (Piu, 2016) e *Ora bolas* (Piu, 2019), os quais Paula ilustrou utilizando colagens de formas geométricas. Em 2020, lançou com Eduardo Bueno o *Dicionário da Independência: 200 anos em 200 verbetes*, no qual ilustrou os textos com colagens digitais. Em *Maia e Valentim*, Paula pela primeira vez realizou ilustrações digitais em que concentrou suas criações em uma paleta de cores que evitou o uso do preto e cujas imagens só possuem ângulos retos.

# Cuidar ensinando & ensinar cuidando: a Educação Infantil

A escola é um pedaço da vida, não uma preparação para ela. Igualmente, a Educação Infantil é parte do aprendizado da criança no mundo e não uma preparação para a “escola de verdade”. A escola junta a tarefa do ensinar a aprender àquela do ensinar a ser.

Assim, é direito da criança, estando na escola, viver a própria vida enquanto a entende e descobre-a a partir de suas múltiplas *experiências*.



As crianças aprendem porque querem compreender o mundo em que vivem, dar sentido às suas vidas. As crianças vivem de modo narrativo suas brincadeiras, pois elas formulam e contam histórias ao mesmo tempo em que dramatizam.” (BARBOSA; FOCHI, 2015, p. 66)



Crédito: adaptado do YouTube do autor/Paulo Fochi

## Cada criança é, em si, diferente e única.

Ela também é um reflexo de todas as experiências que teve, dos ambientes em que esteve. As crianças exploram sua realidade e aprendem a refletir sobre as próprias experiências descrevendo-as, representando-as, reorganizando-as em meio a brincadeiras.



Crédito: adaptado de Library of Congress / W. Commons

## Segundo J. Dewey (2010),

experiências são a soma de atitudes empíricas e atitudes experimentais da mente. Por isso, evidentemente, a experiência não é um terreno rígido e finito, mas, ao contrário, é algo vivo, em constante expansão, livre de sentidos estanques e inerentemente reflexiva.

# A BNCC e os campos de experiências

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), desde 2018, traz para a Educação Infantil brasileira o importante conceito de “campos de experiências”. Os campos funcionam como pequenos mundos cotidianos de experiências da criança, preparados pelos(as) professores(as) com atenção e intencionalidade pedagógica, de forma a oferecer condições para ações de descoberta por parte das crianças ou para aprofundar vivências. Na BNCC, os objetivos de aprendizagem para a Educação Infantil, portanto, levam em conta como as crianças aprendem e se desenvolvem em suas rotinas, considerando cinco campos de experiências: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.



Elaboração do diagrama:  
Kátia Chiaradia



## Cada campo de experiências

oferece um conjunto de objetos, situações, imagens e linguagens relacionados aos sistemas simbólicos da nossa cultura e capazes de evocar, estimular, acompanhar progressivamente aprendizagens mais sólidas. Os campos são territórios do fazer e do agir próprios da criança, dos quais o adulto se torna um importante apoiador. O objetivo de um trabalho centrado nas experiências protagonistas das crianças é valorizar a individualidade e a particularidade da identidade – cultural inclusive – de cada uma.

Cabe a esse adulto elaborar cuidadosamente os espaços e instrumentos necessários para propiciar contextos naturais, sociais e culturais nos quais as crianças vão interagir e operar, ou seja, *aprender*.

O **livro literário** é um dos mais importantes desses instrumentos.

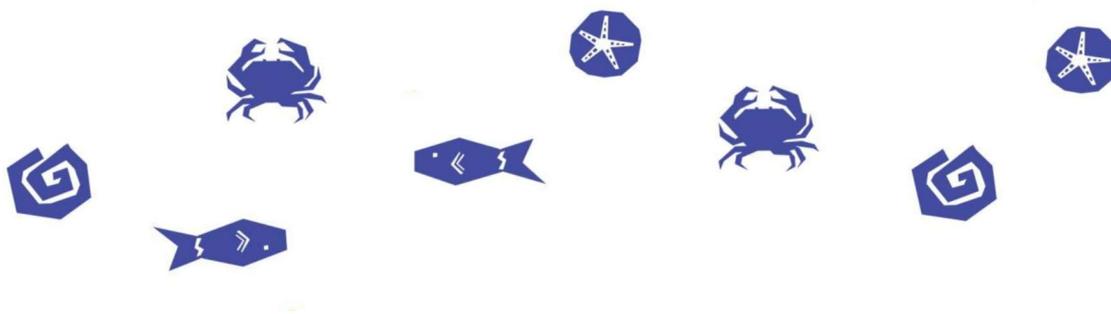
No caso da realidade brasileira, frequentemente a escola é o principal, se não o único, meio de acesso a livros literários. A experiência direta, o jogo, as experiências mediadas de tentativa e erro são as maneiras com as quais a criança sistematiza suas aprendizagens. A literatura é uma facilitadora desse universo.

### “OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

reconhecem que a imersão das crianças em práticas sociais e culturais criativas e interativas promove aprendizados significativos. São um arranjo curricular que organiza e integra brincadeiras, observações e interações que acontecem na rotina da creche/escola.

Dão intencionalidade para as práticas pedagógicas e colocam a criança no centro do processo.”

**(Movimento pela Base)**



# A PNA na Educação Infantil: conversar é preparar

A Política Nacional de Alfabetização (PNA), de 2019, sugere que a Educação Infantil, que antecede o ciclo de alfabetização, prevista para 1º e 2º anos, é uma boa ocasião para que as crianças desenvolvam habilidades preditoras, como conhecimento e ampliação de vocabulário (V), consciência fonológica (CF), aquisição das habilidades de leitura e de escrita (HLE), formando um conjunto a que se chama **literacia emergente** (LE) (ver lista de siglas a seguir). Segundo as hipóteses descritas no *Caderno da Política Nacional de Alfabetização*, a consolidação dessas aprendizagens preditoras, a **literacia** (L) em si, seria condição para as crianças desenvolverem conhecimentos mais complexos.

A PNA sugere algumas práticas importantes para a pré-alfabetização: a narração de histórias, o manuseio de lápis e giz para as primeiras tentativas de escrita, a chamada escrita espontânea (EE), o contato com livros ilustrados, a modelagem da linguagem oral (LO), o desenvolvimento do vocabulário receptivo e expressivo, em situações cotidianas e nas brincadeiras, os jogos com letras e palavras, além de muitas outras práticas que podem ser feitas em casa ou fora dela, na comunidade ou em bibliotecas.

[...] Nesse momento, a criança é introduzida em diferentes práticas de linguagem oral e escrita, ouve histórias lidas e contadas [...]. Em suma, na literacia emergente incluem-se experiências e conhecimentos sobre a leitura e a escrita adquiridos de maneira lúdica e adequada à idade da criança, de modo formal ou informal, antes de aprender a ler e a escrever. [...] pois favorece não só o processo de alfabetização formal da criança, mas toda a sua vida escolar. São beneficiadas com isso sobretudo as crianças que não tiveram em casa um ambiente rico linguisticamente. (*National Early Literacy Panel*, 2009. In: BRASIL, 2019, p. 22)

Essas práticas são também centrais quando pensamos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e seus campos de experiências. Por exemplo, no campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, como se verá mais adiante neste material, podemos notar que as experiências vinculadas à cultura oral, como a escuta de histórias e as narrativas elaboradas individualmente ou em grupo, contribuem para que a criança se constitua ativamente enquanto sujeito singular e pertencente a um grupo social.

E essas experiências caminham junto ao desenvolvimento da criança com a cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, a criança vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Segundo a BNCC:

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em *escritas espontâneas*, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p.42)

## A Política Nacional de Alfabetização

traz também o termo **numeracia** (N), que se baseia no conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a matemática. Assim, é papel da escola proporcionar condições para a turma raciocinar, utilizar conceitos e ferramentas matemáticas dentro e fora da sala de referência. Essas práticas, inclusive, são centrais no campo de experiências “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil, que também se verá mais adiante nas nossas sugestões de vivências com o livro literário.

Ao longo deste material de apoio, sugeriremos algumas atividades e vivências envolvendo elementos centrais segundo a BNCC e a PNA. Pensando em apoiar os professores e as professoras, identificaremos, de acordo com as siglas e definições abaixo, o elemento que mais se destaca em determinadas atividades:

- **Literacia (L):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a leitura e a escrita e sua prática produtiva.
- **Literacia emergente (LE):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, os quais se dão por meio de diferentes práticas de linguagem oral e escrita, tais como a escuta de histórias lidas e contadas, o canto de quadrinhas, a recitação de poemas e parlendas, a familiarização com materiais impressos (livros, revistas e jornais), o reconhecimento de algumas das letras, seus nomes e sons, as tentativas de representá-las por escrito, a identificação de sinais gráficos ao seu redor, entre outras atividades de maior ou menor complexidade.



- **Numeracia (N):** conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a matemática.
- **Escrita espontânea (EE):** toda e qualquer produção gráfica da criança em processo de compreensão do princípio alfabético e do código escrito.
- **Consciência fonológica (CF):** habilidade metalinguística abrangente, que inclui a identificação e a manipulação intencional da linguagem oral, tais como palavras, sílabas, aliterações e rimas.
- **Conhecimento e ampliação de vocabulário (V):** elementos processuais da literacia emergente que pretendem, pela leitura e pela escuta, que as crianças ampliem seu conjunto lexical e desenvolvam pré-requisitos para a futura alfabetização.
- **Habilidades de leitura e de escrita (HLE):** produto da alfabetização, prevista para o ciclo de 1º e 2º anos, cujo potencial preditor pode ser estimulado na Educação Infantil, desde que respeitadas as práticas científicas e pedagógicas determinadas na BNCC e na PNA.
- **Leitura dialogada (LD):** interação, por meio de perguntas e respostas, entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.



# Brincar lendo e ler brincando: a literatura na Educação Infantil

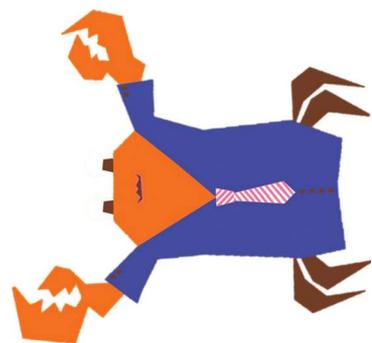
O *leitor* diferencia-se do *ledor* em especial a partir de seu relacionamento ativo com a construção dos sentidos e da negociação entre esses sentidos de leitura. Desde a Educação Infantil, a leitura é um exercício de imaginação que constrói o pensamento individual e o pensamento coletivo. Isso porque ler é compartilhar sentidos da vida, visões de mundo, enriquecer as subjetividades. Assim, quando um(a) professor(a) *escolhe livros*, escolhe também o que marcará a vida de seus alunos como leitores literários e como *leitores de mundo*.

Ler livros é diferente de ter experiências de leitura. Nesse sentido, a pergunta que deve ser o propósito de cada professor e cada professora ao elaborar uma situação de leitura é: “Que tipos de *experiências* podem ser constituídas a partir das leituras propostas às crianças?”. Ao comunicarem sentidos, os livros – texto, imagem e materialidade – são mediadores de relações.

Professores(as) da Educação Infantil são figuras decisivas em todo o percurso do livro trilhado pelos alunos, uma vez que cabe a eles não apenas a preparação inicial das novas gerações para a leitura, mas também a nutrição do apreço aos livros e à leitura (L).



Essa representação primeira e básica, pela qual passa necessariamente toda leitura, não conseguiria dar conta do que está em jogo no que diz respeito à memória, à relação com o tempo, à identidade, à escrita ou à relação com o leitor.” (JOUVE, 2012, p. 105)



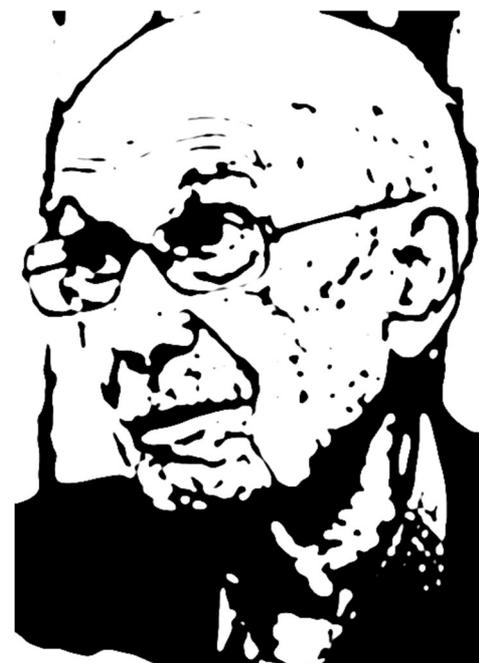
## A literatura é um direito humano,

segundo defende o professor Antonio Candido, para quem “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. Em seu ensaio “O direito à literatura”, o professor Antonio Candido explica a importância do ensino curricular e democrático da literatura nas escolas:

“

Por isso é que em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. [...] Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.”

(CANDIDO, 2004, p. 175)



Crédito: adaptado do blog da Boitempo/Divulgação

Assim, sendo vivência artística, a literatura, ao mesmo tempo, brota das individualidades e das experiências coletivas, como aquelas favorecidas pela escola, desde as brincadeiras na Educação Infantil.

# Maia e Valentim e os campos de experiências

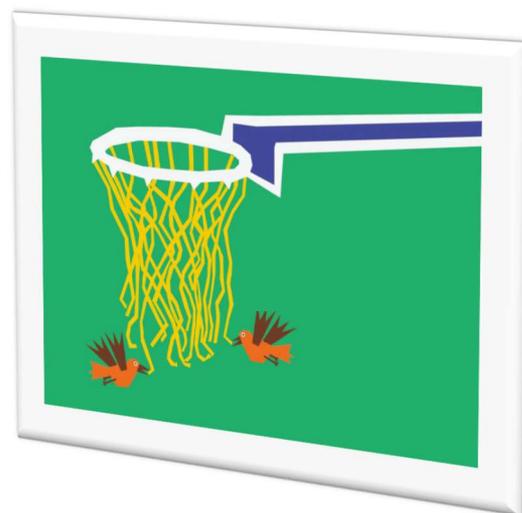
Até aqui, entendemos que a BNCC da Educação Infantil trabalha ou propõe o trabalho com os direitos e os *objetivos de aprendizagens* das crianças em cinco campos de experiências. Também vimos que o livro literário, enquanto objeto lúdico, pode ser uma potente ferramenta de apoio a professoras e professores na preparação de ambientes, propostas e situações favoráveis a experiências significativas das crianças e entre elas.

Contudo, é importante reforçar que os *campos de experiências* não são estanques e imiscíveis, como lembra o pesquisador Paulo Fochi, um dos redatores da Base para Educação Infantil, em seu texto “Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência”:



O caráter lúdico e contínuo das experiências das crianças abre um espaço para a produção de significados pessoais, seja pelo prazer do já-vivido, característico na atividade lúdica, seja por germinar algo que está embrionário na criança na continuidade de suas experiências.”

(FOCHI, 2015, p. 227)





Os campos de experiências não operam em tempos compartimentados: eles atravessam de forma objetiva o modo como o contexto é organizado e, subjetivamente, nas ações e intervenções do adulto que os acompanha.”

(FOCHI, 2015, p. 226)

Nesse sentido, embora neste **Material Digital do Professor** nossas sugestões de vivências e atividades lúdicas, oferecidas nas próximas páginas, estejam organizadas nos cinco *campos de experiências* da Base, a depender do campo *prioritariamente* estimulado em cada uma delas, reforçamos que a *contiguidade* e a própria *continuidade* entre os campos e as experiências constroem as aprendizagens dos bebês e das crianças pequenas e muito pequenas, pois é “na continuidade das experiências que reside a força e a vitalidade da ação das crianças em compreender, explorar e aprofundar as suas hipóteses afetivas, cognitivas e sociais sobre o mundo”. (FOCHI, 2015, p. 226)



## PREPARAÇÃO PARA A LEITURA

- Antes de começar a história, compartilhe com as crianças o nome da autora e ilustradora, Paula Taitelbaum, explicando cada um de seus papéis na elaboração do livro.
- Mostre a capa do livro e converse com as crianças sobre o que elas imaginam ser a história.
- Deixe-as se manifestarem livremente sobre a capa e sobre suas hipóteses.
- Enquanto lê a quarta capa, onde se encontra o resumo da narrativa, converse com as crianças sobre qual a questão central do texto. É provável que digam, com base na capa, que é sobre amizade e carinho entre duas pessoas ou duas crianças ou um menino e uma menina.

Esse movimento de preparação para a leitura possibilita que as crianças revisitem seu repertório de histórias e relacionem às suas expectativas de leitura algumas histórias conhecidas, com temáticas familiares ou diferentes.

## LEITURA

- Então, em roda de conversa, realize a leitura do livro *Maia e Valentim*.
- A cada página lida, procure aproximar o livro das crianças para que elas se sintam convidadas a observar as ilustrações.
- Ao fim da primeira leitura, proporcione momentos convidativos para que as crianças apresentem as suas percepções sobre a história, destacando o que mais gostaram.

# Campo de experiências

## “O eu, o outro e o nós”

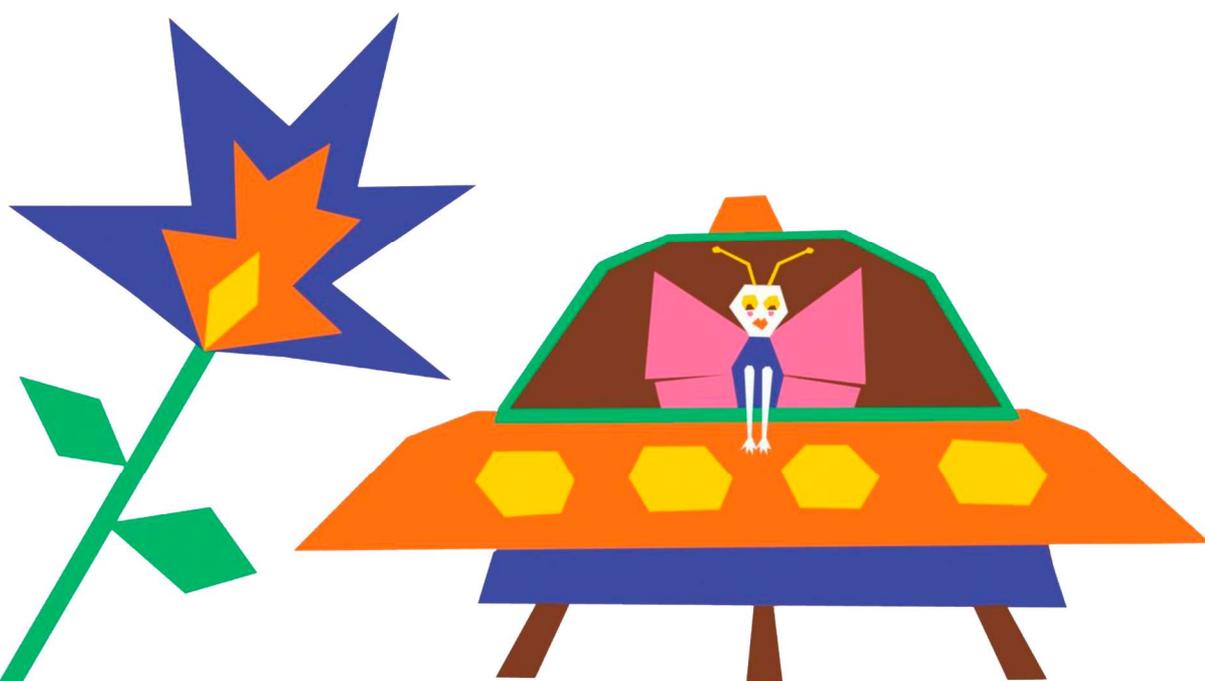
### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02E001)** Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.

**(EI02E003)** Compartilhar os objetos e os espaços com crianças da mesma faixa etária e adultos.

**(EI02E004)** Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.

**(EI02E006)** Respeitar regras básicas de convívio social nas interações e brincadeiras.





## Toda criança constrói a si

também a partir do que resgata e recolhe das variadas relações que vive ou observa: conversas, escutas, argumentações, representações (L). Tudo isso ocorre para que ela possa se perceber enquanto ser e enquanto parte de grupos e comunidades, desde a família até a própria espécie humana.

Nessas relações, as crianças fazem incontáveis perguntas, aprendem a identificar e nomear sentimentos e estados de humor, passam a perceber e internalizar também direitos e deveres e a atuar de maneira mais consciente em espaços públicos e privados (sejam eles físicos ou não).

Em *Maia e Valentim*, este campo é muito presente. O narrador em terceira pessoa é um observador de Maia e de Valentim. Sendo onisciente, ou seja, conhecendo o que está na cabeça dos protagonistas, ele nos ajuda a perceber como, apesar de viverem “grudados”, o que pressupõe sintonia e muita coisa em comum nesse “nós” de Maia e Valentim, as duas crianças são também, cada qual, um “eu” em desenvolvimento e o qual aceita muito bem as diferenças do “outro”. Ou seja, eles estão juntos, compartilham momentos, mas não deixam de ser únicos.

Além disso, a temática da criança que brinca com a imaginação e a fantasia favorece a identificação dos pequenos leitores com os personagens, o que, além de ser essencial para o engajamento na leitura literária, é também motriz para a descoberta das próprias preferências e, portanto, da construção da identidade das crianças.



Ao longo das páginas, o leitor vai percebendo que cada protagonista tem um mundo diferente guardado dentro de si. Descobrir seu próprio mundo e aceitar o mundo do outro é parte importante da construção de nossa identidade como cidadãos de um mundo coletivo e múltiplo. Quando falamos de conviver, é sempre importante questionarmos: quanto de cada um de nós é moldado por nossas relações, especialmente aquelas com pessoas diferentes de nós?

A escola deve formar e nutrir cidadãos capazes de construir coletividades mais amplas e diversas e nelas se relacionar. A relação de Maia e Valentim nos mostra que é preciso usar nossas diferenças para sustentar ativamente nossas próprias relações, negociando limites e situações que sejam confortáveis a todos os envolvidos.

Por meio de vivências, interações e brincadeiras inspiradas nos relatos de *Maia e Valentim*, as crianças podem aprender que todos somos diferentes e é importante respeitarmos as diferenças de diversas naturezas, sejam físicas, de opiniões, na maneira de agir ou de pensar.





- Em roda, sugerimos que você releia a primeira página da história e, pensando no desenvolvimento da comunicação em grupo (EI02E004), pergunte às crianças o que elas entendem das expressões idiomáticas (V) (LD) (LE):

***O que** vocês acham que quer dizer "viver grudados"?  
Será que significa que realmente "passaram cola" em Maia e Valentim?*

***Quem** aqui vive grudado em alguém? Em **quem**?  
**Onde** vocês vivem grudados? Na escola, em casa, na igreja, na rua, no parque?*

- Então, converse com as crianças sobre diferenças e semelhanças nas preferências e nos gostos das pessoas que "vivem grudadas" (V) (LD) (LE):

***Quem** é amigo precisa gostar das mesmas brincadeiras?  
**Quem** vive "grudado" em alguém que gosta de coisas diferentes?  
**Quem** às vezes brinca de algo só para fazer o amigo mais feliz?*

Professor(a), proporcione um momento descontraído de conversa para que as crianças tenham real oportunidade de diálogo e percebam que as diferenças não interferem no sentimento de carinho e respeito pelo outro.

- Sugerimos que, em duplas ou trios, as crianças conversem sobre tarefas e brincadeiras que elas poderiam fazer juntas e outras que elas fariam separadas. Então, peça-lhes que compartilhem oralmente parte da conversa com você ou com o restante da turma em pequenas listas de duas ou três atividades. Enquanto elas compartilham a conversa, é importante valorizar as preferências de cada uma. Essa atividade promove a oportunidade de conhecimento sobre o outro e ajuda a preparar as crianças para a próxima sugestão (V) (LD) (LE).

Professor(a), você observará que essa proposta pressupõe um trabalho integrado com os campos de experiências "Escuta, fala, pensamento e imaginação" (EI02EF01: Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões) e "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações" (EI02ET07: Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos).

○ Convide as crianças para uma brincadeira chamada "Jogo de amigos" ou "*Quiz dos amigos*". Nela, uma criança ficará "grudada" a um(a) amigo(a), a quem perguntará curiosidades sobre o que gosta de comer, qual o desenho predileto, qual a cor preferida... Após as respostas, elas deverão trocar de função, ou seja, quem respondeu perguntará (V) (LD). Cabe ao(à) educador(a) avaliar, segundo as relações da turma, se as duplas devem ser organizadas por sorteio ou se as crianças podem procurar colegas de sua preferência. Cabe também ao(à) professor(a) sugerir um número de perguntas, mas, considerando a faixa etária, cremos que algo entre duas e quatro perguntas.



# Campo de experiências

## “Corpo, gestos e movimentos”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02CG02)** Deslocar seu corpo no espaço, orientando-se por noções como em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro, fora etc., ao se envolver em brincadeiras e atividades de diferentes naturezas.

**(EI02CG03)** Explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações.



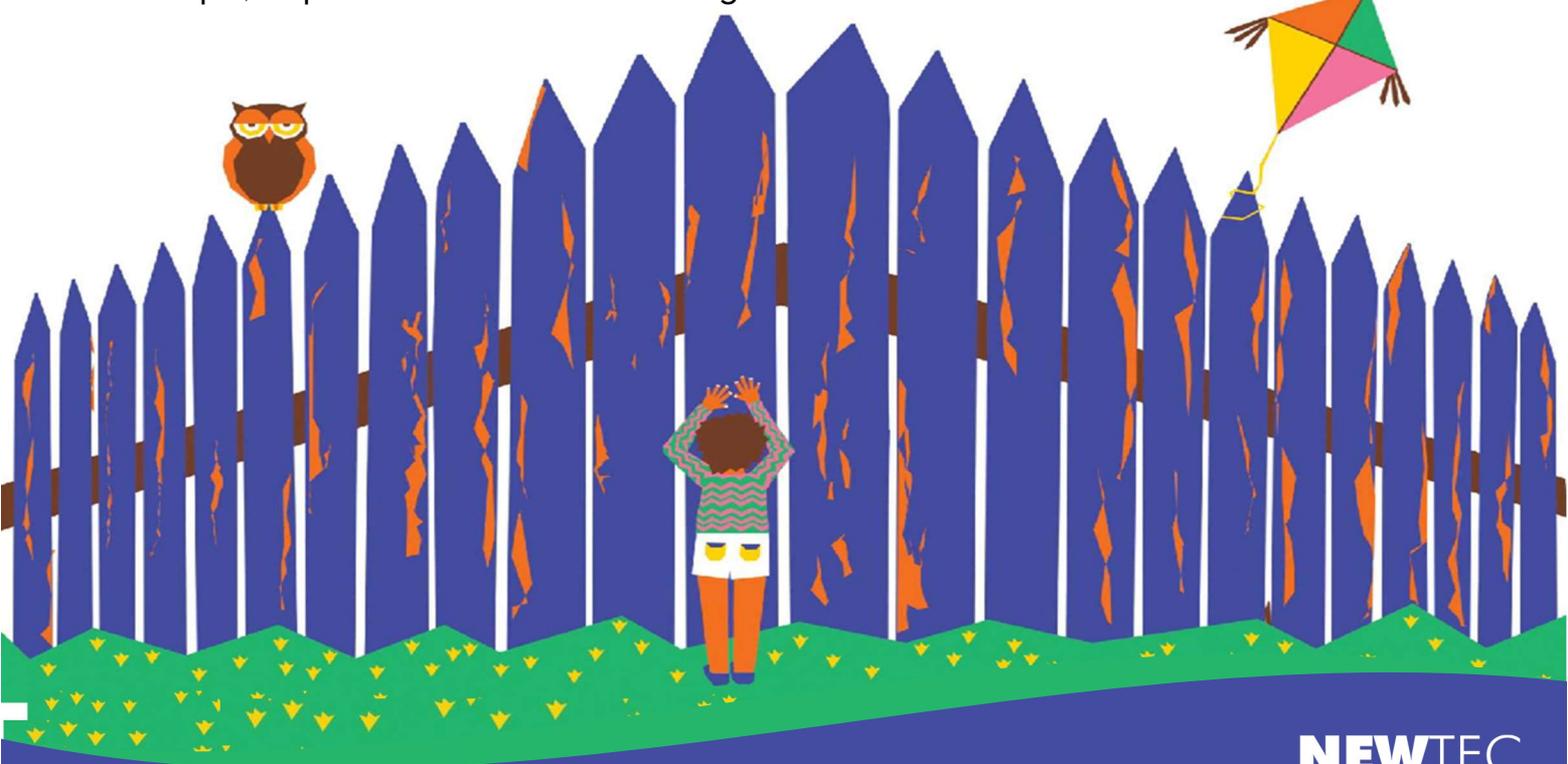
As crianças tomam consciência do próprio corpo experimentando-o desde o nascimento. O movimento é uma das primeiras linguagens (se não a primeira) que elas experimentam: mover-se, virar-se, esticar os braços, sacudir as pernas; depois sentar-se, pular, correr, higienizar-se, dançar, jogar, imitar, relaxar...

No trabalho com o campo “Corpo, gestos e movimentos”, as crianças exploram e reconhecem o mundo, o espaço e tudo à sua volta através do corpo e de suas expressões corporais.

Em *Maia e Valentim*, a questão da individualidade do corpo é abordada de maneira bastante peculiar: o corpo é visto de cima, como se o observador fosse mais alto ou estivesse em um plano acima, ou de costas. Além disso, as fisionomias de Maia ou de Valentim não são apresentadas ao leitor. Essa escolha da autora Paula Taitelbaum por não caracterizar minuciosamente os personagens favorece a identificação dos leitores com Maia e Valentim, uma vez que não restringir os personagens a um perfil significa englobar vários e diferentes perfis.

Porém, o fato de não conhecermos as feições de Maia e de Valentim não é um fator limitante para reconhecermos as formas de expressão de seus corpos, bem como dos corpos dos demais personagens, criadas pela imaginação de cada um deles.

Assim como os personagens de *Maia e Valentim*, as crianças podem expressar diversos sentimentos e necessidades usando seu corpo, reproduzindo ou criando gestos e movimentos.



- Sugerimos convidar as crianças para uma brincadeira de mímica, na qual uma fará gestos para expressar um animal que apareça na história e as demais deverão adivinhar. Além disso, elas devem adivinhar também se a mímica diz respeito à praia ou ao jardim (LD) (LE).
- No campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, sugerimos que você proponha às crianças imaginarem, assim como Maia e Valentim, um lugar de que elas gostam e para onde iriam em sua imaginação, para então recontarem a história a partir do lugar que imaginaram. Agora, neste campo, sugerimos que elas contem a história por meio de gestos.
- Maia e Valentim “viviam grudados”. Pensando nisso, sugerimos que duas crianças “grudadas” descrevam juntas, por mímicas, uma atividade que elas queiram fazer uma em companhia da outra (LE).
- Maia e Valentim escolhem brincar, em suas imaginações, de coisas diferentes. Retome com as crianças as páginas 6 e 7 no livro e convide as crianças que se sentirem confortáveis a expressar como seriam os gestos de Maia, na praia, e os de Valentim, no jardim (V) (LD) (LE):

*Quais movimentos de Maia e Valentim são iguais?*

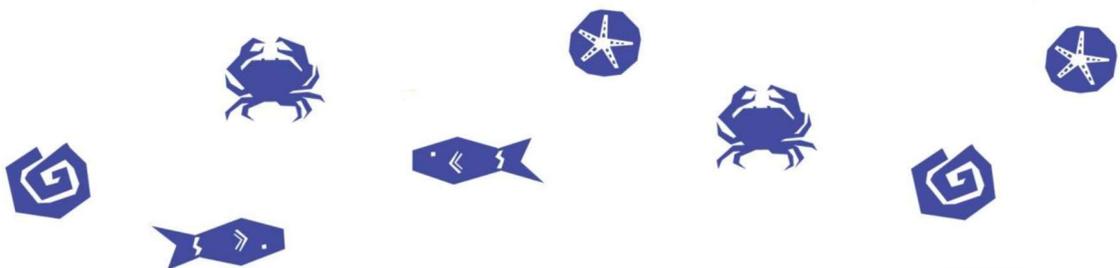
*O que eles fazem de movimentos e gestos diferentes?*

*Maia está acompanhada de quatro peixes, uma água-viva e um caranguejo. **Como** se movem os peixes? E uma água-viva? E um caranguejo?*

*Valentim está acompanhado de uma borboleta, dois passarinhos e muitas flores. **Como** se move uma borboleta? E **como** se move um passarinho?*

*E as flores do jardim? Elas se movem? **Por quê?***

***Por que** Maia não pode cruzar os pés na água?*



- Maia e Valentim são retratados, na história, de costas ou vistos de cima, sem que conheçamos seus rostos, por exemplo. Pensando nisso, proponha uma brincadeira de “Quem é, quem é?”. Nela, a turma é organizada em dois grupos que ficam em ambientes diferentes por um tempo. Um dos grupos fará desenhos, no chão, dos contornos de seus corpos (uma criança desenha a outra). Então, quando o segundo grupo retornar ao ambiente, as crianças tentarão adivinhar de quem são os contornos dos corpos. Depois, os grupos inverterão de função. Ao final, converse com as crianças sobre semelhanças e diferenças entre os corpos e como isso faz com que cada um seja único e, ao mesmo tempo, todos sejam especiais (afinal, os contornos tendem a ser bastante parecidos).



# Campo de experiências

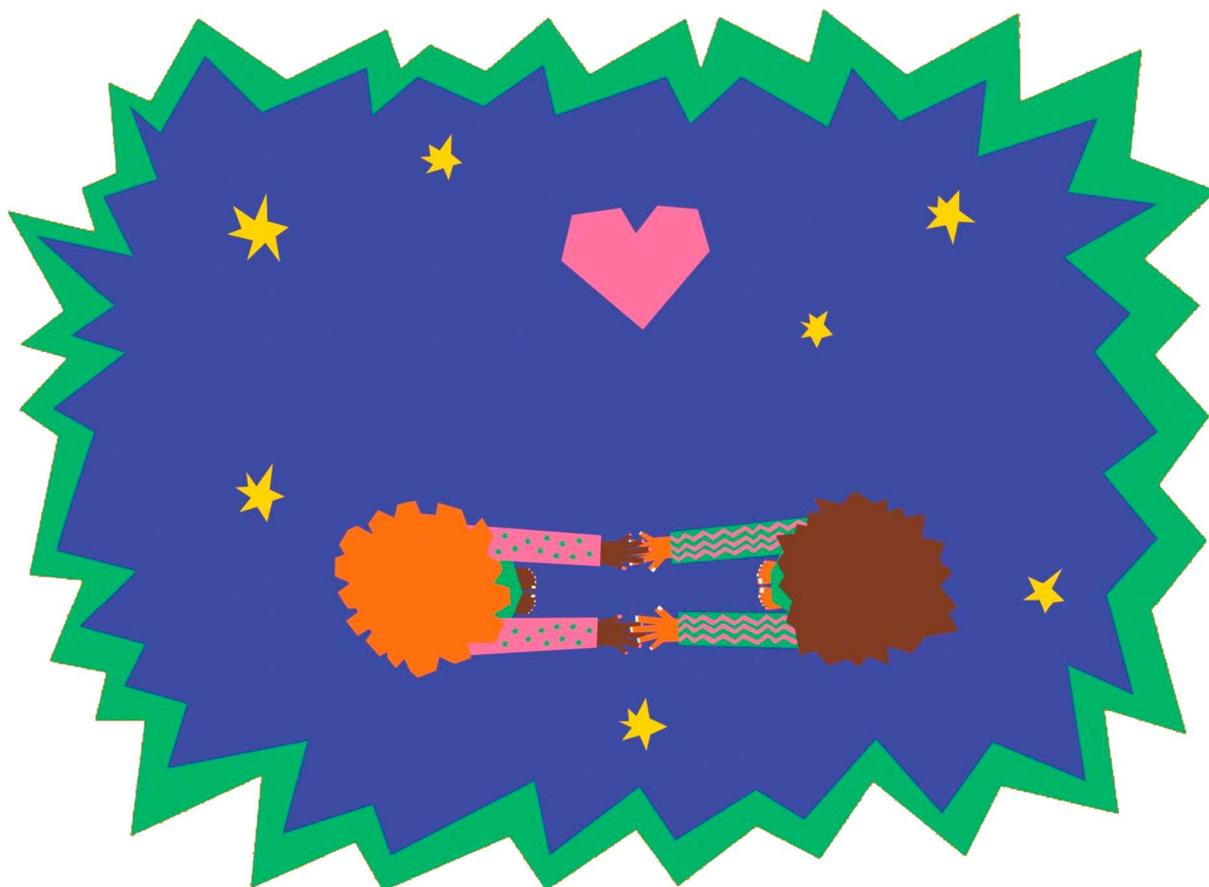
## “Traços, sons, cores e formas”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02TS01)** Criar sons com materiais, objetos e instrumentos musicais, para acompanhar diversos ritmos de música.

**(EI02TS02)** Utilizar materiais variados com possibilidades de manipulação (argila, massa de modelar), explorando cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes ao criar objetos tridimensionais.

**(EI02TS03)** Utilizar diferentes fontes sonoras disponíveis no ambiente em brincadeiras cantadas, canções, músicas e melodias.

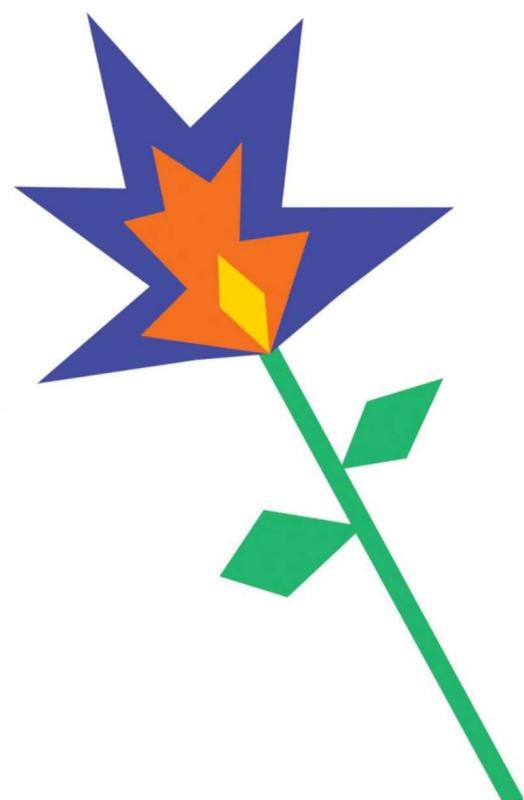


## Explorar, com todos os sentidos,

materiais variados é, para a criança, um exercício de criação e criatividade e, portanto, é também o início de suas experiências com a arte. Daí surgirão experimentações gráfico-visuais e sonoras, desde o concreto até o virtual. Ao transformar algo bruto em expressão intencional e organizada, toda obra de arte se torna uma geradora de experimentações e experiências intensas sobre o mundo e estar nele. Dewey explica que:



Através da arte, significados de objetos que, de outra forma, são mudos, indeterminados, restritos e contrastantes, se esclarecem e se concentram; e não através de um laborioso trabalho do pensamento em torno deles, não mediante o refúgio num mundo de mera sensação, mas por meio da criação de uma nova experiência.”  
(DEWEY, 2010, p. 256)



No trabalho com o campo “Traços, sons, cores e formas”, observamos como a criança se expressa por diferentes linguagens das artes visuais e sonoras.

Dentro desse campo, em ***Maia e Valentim***, propomos apreciar as ilustrações da autora Paula Taitelbaum, nas quais predominam cores muito vibrantes e um traço caracterizado pelo arranjo sofisticado de formas geométricas simples e de linhas retas.



- Convide as crianças a um momento de apreciação e fruição das ilustrações de *Maia e Valentim*. Incentive as crianças a falar livremente sobre o que gostaram, o que não gostaram, qual sua página predileta. O ponto de chegada nessa proposta é simplesmente a oportunidade de ampliar o repertório artístico das crianças (LE).
- Apresente às crianças novamente o trecho do livro “As ondas que vão e vêm fazem barulho de trem”. Converse com as crianças (V) (LD) (LE):

*Quem já foi à praia?*  
*Como é o barulho das ondas?*  
*Quem já viu um trem?*  
*Quais barulhos ele faz?*

A partir de um recurso tecnológico apropriado (por exemplo, dispositivos conectados à internet e saída de som), apresente o som das ondas do mar e o barulho do trem, e converse com as crianças livremente sobre a semelhança dos sons. Links sugeridos: <https://youtu.be/3x0vIm5EqCY> e [https://youtu.be/s74pjVub1\\_c](https://youtu.be/s74pjVub1_c).

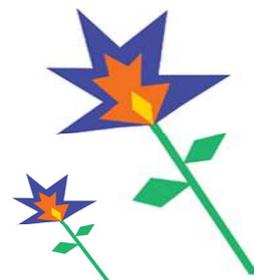


- Caso a turma demonstre interesse pela temática do som do mar, sugira a produção do instrumento “tambor do mar”. No canal Construindo Música, o artista Alexandre Almeida dá algumas dicas. Link de instrução sugerido: <https://youtu.be/aBiWVVJgVqw>.
- Caso o engajamento persista, as crianças podem criar uma música para a utilização do "tambor do mar" ou mesmo cantar trechos do livro, aproveitando as rimas e a musicalidade do texto de Paula Taitelbaum (V) (CF) (LE).
- Disponibilizar às crianças materiais variados, como argila, massinha, materiais recicláveis e naturais, que possibilitem que as crianças se expressem artisticamente. Após isso, sugerir que, usando os recursos que desejarem, individual ou coletivamente, elas busquem retratar o ponto de que mais gostaram na história, seja por escultura ou por desenho.
- Propor uma exposição das obras para as demais turmas e pedir para que as crianças que se sentirem confortáveis descrevam as características de suas obras e como tiveram a ideia de criá-las (LE).

Ainda a partir de suas produções artísticas, as crianças podem contar a história do livro, ou parte dela, para suas famílias, como maneira de ampliar o conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais as crianças vivenciam com suas famílias, a chamada *literacia familiar*. Essa proposta se conecta ao objetivo EI02EF06 (*Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos*), do campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação” (L).







## A língua, sobretudo a materna,

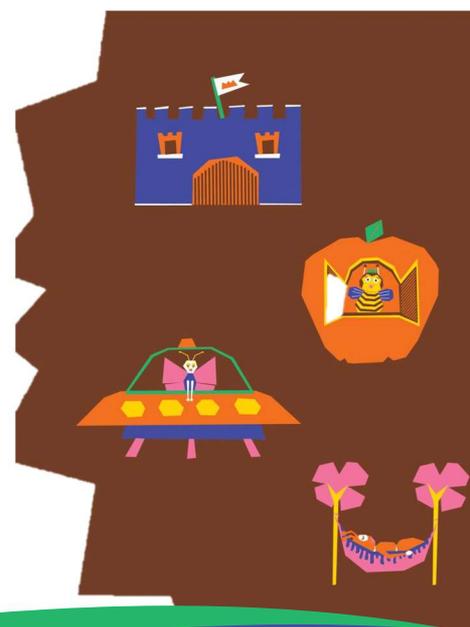
é um instrumento essencial para se comunicar e estar no mundo. E é também o meio para se exprimir em modos pessoais, criativos e sempre mais articulados. Quando chegam à escola, mesmo as crianças muito pequenas trazem consigo um repertório de vivências linguísticas próprias e representativas de sua região, de seu grupo social, de seu tempo. Em um mundo globalizado, muitas chegam, inclusive, com conhecimento de outras línguas.

No campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, a Educação Infantil deve promover às crianças o conhecimento da língua oficial de seu país, tomando o cuidado de sempre respeitar as variantes regionais e culturais. As experiências escolares devem intencionalmente oportunizar às crianças a vivência de uma diversidade de situações comunicativas ricas de sentido (L), para que elas observem e vivam a língua em movimento em seus diversos aspectos e usos (LE): ouvindo, contando e recontando histórias, dialogando e argumentando (LD), negociando posições, brincando com sons e significados das palavras novas e das conhecidas (CF) (V), entre outras tantas possibilidades. Assim, no caminho rumo à sua alfabetização, cada criança passa a criar suas hipóteses sobre a escrita e compreende seu uso social.

Maia e Valentim são duas crianças vivendo, cada qual, a potência de sua imaginação: a de Maia leva-a à praia e a de Valentim, ao jardim. Tudo isso, claro, ao mesmo tempo que ambos estão “grudados” no mesmo ambiente em sua escola. Além disso, **Maia e Valentim** é um relato que o narrador faz sobre os protagonistas. Ele observa que “A praia de Maia é pura diversão. É a praia da imaginação” e “O jardim de Valentim é pura diversão. É o jardim da imaginação”. Assim, desde o enredo até o gênero, **Maia e Valentim** remete fortemente ao trabalho com o campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.



- Convide as crianças a imaginar, assim como Maia e Valentim, um lugar. Depois, elas podem recontar a história ***Maia e Valentim***, ou parte dela, utilizando os lugares que imaginaram. Essa proposta pode ser realizada individual ou coletivamente (V) (HLE) (LE).
- Convide as crianças que se sentirem confortáveis a contar por que escolheram tais lugares (LE) (V). Essa proposta se interliga ao campo “O eu, o outro e o nós”, em especial ao objetivo EI02E004 (*Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender*).
- Releia a história e pergunte às crianças quais são os nomes dos personagens apresentados como título do livro. Depois, escreva esses nomes na lousa, assim como os nomes das crianças da turma. Convide as crianças que se interessarem pela escrita a “caçar” letras de seus nomes nos nomes dos personagens. As crianças podem ir à lousa indicar as letras identificadas (EE) (HLE).
- Proponha que as crianças folheiem o livro, com o intuito de reconhecimento de outras palavras ou letras. Caso na turma haja crianças com mais vivência na língua escrita, é possível que observem que há dois tipos de letras (caixa-alta e cursiva), ainda que não saibam os nomes (HLE).





- Parte da musicalidade do texto de Paula Taitelbaum está na presença de rimas, ou seja, palavras que apresentam mesma terminação, como “Maia-praia” e “Valentim-jardim”. Pensando em investigar um pouco mais esse fenômeno linguístico, o(a) educador(a) pode reler trechos da história, enquanto as crianças indicam as palavras que, na opinião delas, têm sons parecidos (HLE) (CF).
- Caso haja envolvimento da turma na proposta, sugerimos convidar as crianças a brincar com outras rimas, dessa vez inventadas por elas. Elas podem, por exemplo, pensar ou inventar palavras que rimem com seus nomes (HLE) (CF).

Professor(a), não há compromisso de que as crianças acertem as respostas às perguntas acima, mas fazê-las mobiliza processos cognitivos de leitura, letramento e literacia, que serão fundamentais para o sucesso da alfabetização no tempo previsto pela Base Nacional Comum Curricular e pela Política Nacional de Alfabetização. Nutrir o interesse investigativo das crianças pelas correlações entre letras, sons e significados é parte essencial do sucesso da futura alfabetização.

O artigo 5º da Política Nacional de Alfabetização (PNA) tem, como uma de suas diretrizes, a *“Priorização da alfabetização no 1º ano do ensino fundamental”*.



# Campo de experiências

## “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”

### Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

**(EI02ET01)** Explorar e descrever semelhanças e diferenças entre as características e propriedades dos objetos (textura, massa, tamanho).

**(EI02ET05)** Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).

**(EI02ET07)** Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.

**(EI02ET08)** Registrar com números a quantidade de crianças (meninas e meninos, presentes e ausentes) e a quantidade de objetos da mesma natureza (bonecas, bolas, livros etc.).



## No campo de experiência

“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, as crianças, desde cedo, demonstram curiosidade por tudo que acontece em seu entorno e sobre o mundo físico, diferenciam o dia da noite, o perto do longe. Nessa relação da criança com o mundo, ela é colocada frente a frente com seus conhecimentos matemáticos e espaciais por meio das formas geométricas, da comparação de pesos e medidas, da contagem...

*Por que chove?  
Como são feitos os filhotes?  
Para onde vai o Sol à noite?  
Quanto é 100?*

A curiosidade pela natureza, seus fenômenos e seus organismos é um grande motor de aprendizados dentro do campo “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

Nele se inicia o exercício da pesquisa em busca de entender e conseguir explicar as mais variadas situações-problema de seu cotidiano. As crianças compartilham entre si e com os adultos suas hipóteses em busca de respostas e regularidades, no calçamento de um percurso mais estruturado em busca de conhecimento.



- Sugerimos apresentar às crianças novamente as páginas 6 e 7, em que são retratadas as escolhas de lugares para a brincadeira de Maia e Valentim, respectivamente praia e jardim. Então, convidar as crianças a observar as ilustrações e identificar diferenças e semelhanças entre praia e jardim (LE) (N).
- Ainda nas páginas 6 e 7 da história, convide as crianças a contar quantos personagens aparecem na praia com Maia (1 peixe amarelo, 3 peixes cor de laranja, 1 estrela-do-mar, 1 caranguejo e 1 água-viva) e quantos aparecem no jardim com Valentim (2 passarinhos e 1 borboleta) (N).
- Pergunte quais personagens aparecem em quantidade maior em cada lugar e quais aparecem em maior quantidade entre todos (N).
- Leia para as crianças, mais uma vez, a página em que aparece a rima “O florido ipê-amarelo é passagem secreta para um castelo” e pergunte se alguma criança sabe o que é um ipê. Então, proponha uma pesquisa coletiva sobre ipês (LE) (LD) (V). Como ponto de partida, sugerimos os seguintes links: <https://youtu.be/dmkMljsm2zQ> e <https://www.youtube.com/watch?v=aM-SZPxcjJE>.
- Então, pergunte às crianças quantas cores de ipês encontraram na pesquisa. Se possível, o(a) educador(a) poderá levar folhas e flores de cores diferentes para que as crianças possam observar texturas, cores, semelhanças e diferenças (LD) (N).
- De maneira individual ou coletiva, estimule as crianças a registrar, por meio de escrita espontânea e/ou desenho, as observações encontradas (EE) (N) (HLE).

**Numeracia** é o nome dado por alguns pesquisadores ao conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a matemática.

## Literacia familiar

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), a literacia familiar corresponde a um conjunto de práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita, as quais a criança vivencia com seus pais e familiares.

Pensando nisso, você pode organizar uma “conversa de pais”, que propicie um espaço de acolhimento e orientação sobre como eles podem praticar a literacia familiar em seus lares e sobre as contribuições para o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças.

Professor(a), você também pode elencar alguns tópicos, como:

- (a) Interação entre adultos e crianças:** as conversas em atividades diárias estimulam relacionamentos positivos entre adultos e crianças, como pais, professores e cuidadores com as crianças, além de auxiliar no desenvolvimento do vocabulário. Assim, quanto mais conversas (de qualidade), mais as crianças aprendem.
- (b) Leitura compartilhada de livros:** por meio da prática frequente (se possível, diária), as famílias auxiliam as crianças a se relacionar mais e melhor com tudo o que envolve o objeto-livro: a cultura, a natureza, as suas próprias emoções, as letras, as palavras, a organização e as funções da escrita etc. – habilidades que são e serão fundamentais para a aprendizagem da leitura no Ensino Fundamental. Nesse tópico, é importante indicar aos familiares e cuidadores o quão importante é o diálogo entre eles e as crianças durante a leitura, propiciando espaços para que todos contribuam durante a leitura do livro.
- (c) Brincar juntos:** a brincadeira, o canto, a dança e outras atividades que envolvam a participação das crianças e dos familiares estimulam habilidades motoras e socioemocionais que também são relevantes para o desenvolvimento infantil.

Além disso, você pode criar uma rotina de leituras a serem realizadas no lar da criança, com as famílias ou com seus cuidadores, por meio do envio de livros da biblioteca escolar ou da sala de leitura selecionados por você, ou até mesmo um rodízio de livros disponíveis na escola.

## Organizando e compartilhando

Ao longo dos trabalhos, você pode organizar as evidências de envolvimento das crianças nas atividades propostas como forma de alimentar um portfólio da turma ou de cada criança, conforme convenha à sua escola. Esse registro é de grande valor pedagógico e simbólico, tanto para os educadores como para as famílias, e deve ser compartilhado com a mesma riqueza com que cada atividade foi concebida. Você também pode envolver as famílias nas práticas de leitura, sugerindo-lhes vivências, como as que sugerimos aqui a você.

Além disso, após o término da leitura, você pode sugerir que as crianças avaliem livremente se gostaram do livro e das atividades inspiradas nele.



## Nossas referências para este trabalho e, ao mesmo tempo, nossas sugestões de leitura são:

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2011.  
*Intensamente lido e citado por quantos se interessam pelo tema, este texto apresenta um vasto panorama da literatura nacional que circulou entre as crianças brasileiras, tomando por ponto de partida a literatura oral e chegando até a produção de Monteiro Lobato. Além de ser um documento histórico, que remonta às origens desta categoria de escrita no Brasil, a obra serve como um extenso objeto de estudo e pesquisa.*

BAJOUR, Cecilia. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. Trad. Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.  
*Premiada com o Selo Altamente Recomendável FNLIJ 2013, a obra é composta por quatro textos que discorrem sobre a importância da escuta, da conversação literária e do registro para o êxito no trabalho com a leitura literária. Bajour chama a atenção para a importância da formação do mediador, responsável, em grande parte, pelo sucesso ou pelo fracasso das ações promotoras da formação do leitor em contexto escolar.*

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FOCHI, Paulo Sergio. “Os bebês no berçário: ideias-chave”. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FLORES, Maria Luiza Rodrigues (orgs.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.  
*Resultante de trabalhos realizados a partir do projeto Cooperação Técnica entre a Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC) e a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos anos de 2012 e 2013, a obra se organiza em duas partes: “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no Cotidiano das Práticas” e “As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil no contexto das políticas”. A escolha dos temas foi feita a partir da Resolução 05/09, a qual determina a organização da oferta educacional da Educação Infantil.*

BARBOSA, Maria Carmen; RICHTER, Sandra Regina S. “Campos de experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo”. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen; FARIA, Ana L.G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância: contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro**. Campinas: Leitura Crítica, 2015.  
*A obra questiona como pensar uma Base Comum Curricular sem perder de vista as especificidades da Educação Infantil. A proposta é, assim, pensar um currículo pautado na escuta ativa, na investigação, na descoberta e na invenção.*

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

*A Base Nacional Comum Curricular define o conjunto de aprendizagens essenciais a que todos os estudantes têm direito, por lei, na Educação Básica. É um compromisso do Estado brasileiro para favorecer as aprendizagens de todos os alunos e fortalece a colaboração entre União, Estados e Municípios. Seus fundamentos pedagógicos se ligam ao compromisso com a educação integral, ou seja, com a formação e o desenvolvimento humano global, nas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. O principal desafio da BNCC, enquanto meta político-educacional, é estabelecer um pacto nacional em torno da igualdade de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes durante a Educação Básica.*

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno da Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br>. Acesso em: 14 mar. 2021.

*O Caderno da Política Nacional de Alfabetização é um guia explicativo, destinado a estados e municípios, professores e alunos do ensino fundamental, pais e responsáveis, bem como a estudantes da educação de jovens e adultos, que detalha a política, abordando desde o cenário atual, marcos históricos e normativos no Brasil, apresenta importantes relatórios científicos internacionais e traz conceitos sobre alfabetização, literacia e muito mais.*

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. reorg. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.

*Desta riquíssima obra de Antonio Candido, selecionamos o clássico "O direito à literatura", não apenas por sua importância teórica, mas por, definitivamente, sintetizar o que rege este material, isto é, a visão da literatura – e da arte e de sua fruição – como um direito humano.*

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

*Fruto de uma extensa pesquisa realizada na Espanha, país natal da autora, este livro, certamente um clássico sobre o tema da formação do leitor literário, apresenta informações históricas e elementos preciosos para análise e compreensão da produção editorial destinada à infância e à juventude.*

DEWEY, John. **A escola e a sociedade e a criança e o currículo**. São Paulo: Relógio D'água, 2002.

*A obra apresenta parte da filosofia da educação de John Dewey, que defendia o processo experimental e centrado na criança. Atualmente, Dewey vem sendo relido sob a perspectiva da compreensão das metodologias ativas.*

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

*Nesta obra, Dewey afirma que a experiência, sendo uma negociação consciente entre o eu e o mundo, é uma característica irreduzível da vida. Sendo assim, para o autor não há experiência mais intensa do que na arte.*

DEWEY, John. **Como pensamos**. Trad. e notas de Haydée de Camargo Campos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

*Nesta obra, Dewey defende que o pensamento reflexivo seria a mais conveniente dentre as muitas maneiras de pensar, pois prepara os estudantes para o questionamento ativo da realidade.*

FOCHI, Paulo Sergio. "Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência" In: FINCO, Daniela; BARBOSA, M. Carmem; FARIA, Ana L.G. (orgs.). **Campos de experiências na escola da infância. Contribuições italianas para inventar um currículo de Educação Infantil brasileiro**. Campinas: Leitura Crítica, 2015.

*Para o autor, a organização de um currículo por campos de experiências consiste em colocar no centro do projeto educativo o fazer e o agir das crianças e, portanto, a defesa do lúdico e das experiências significativas.*

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

*Peter Hunt é um dos principais críticos de literatura infantil e juvenil da contemporaneidade. Ao se propor estudar a literatura infantil por viés teórico e não histórico, cultural ou afetivo, o pesquisador inglês aborda questões como o objeto livro, a noção de leitor e de leitura na infância e principalmente a definição do que é ou pode ser literatura infantil. Seus questionamentos são lidos ao lado da teoria literária do século XX, o que os torna especialmente relevantes.*

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

*Neste ensaio, Vincent Jouve demonstra o papel imprescindível dos estudos literários, pois eles participam da consciência daquilo que somos e incidem sobre a formação do espírito crítico, motor de toda a evolução cultural. Para o autor, a literatura tem um valor específico que confere legitimidade aos estudos literários, uma vez que o confronto com as obras enriquece nossa existência ao abrir o campo dos possíveis.*

LEBRUN, Marlène. "A emergência e o choque das subjetividades de leitores do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura". In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

*Aproximando leitura e subjetividades, os artigos deste livro problematizam o que alguns chamam de ensino de literatura contemporâneo. Enfrentar o desafio que as crianças e os jovens de hoje apresentam para o ensino de literatura – sejam leitores de literatura ou não leitores (que precisam ser motivados pela escola), ou ainda leitores de outros suportes (mas sem familiaridade com o livro impresso) – é uma das questões em que esta obra busca apoiar professores.*

MOVIMENTO PELA BASE. **BNCC na Educação Infantil**. Orientações para gestores municipais sobre a implementação dos currículos baseados na Base em creches e pré-escolas.

Disponível em: <http://bit.ly/MovimentoPelaBaseBNNCEI>. Acesso em: 6 mai. 2021.

*Documento elaborado com o intuito de apoiar as redes municipais de educação na implementação da parte da Educação Infantil da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dirigido a gestores municipais, pode ser considerado um complemento ao Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular no âmbito da Educação Infantil.*

**NEWTEC**  
LIVRO DO **PROFESSOR**

